

Mar à vista e mar além da vista

Sea in sight and sea beyond sight

REGINA CLAUDIA GARCIA OLIVEIRA DE SOUSA*

PATRICIA TRINDADE NAKAGOME**

Resumo: Neste artigo discutimos como a temática do mar e da viagem é desenvolvida nas obras *A jangada de pedra* (1986) de José Saramago e *Réquiem para o navegador solitário* (2006) de Luís Cardoso. O mar, elemento fundamental da cultura lusófona é, ao mesmo tempo, o que separa e une povos. Nesse sentido, ao analisarmos a obra de um escritor português e um timorense, mostraremos de que maneira a ficção revela a formação multifacetada da identidade dos países de expressão de língua portuguesa e também a sua proposta de desenvolvimento futuro, que por vezes ganha contornos de sonho e utopia.

Palavras-chave: Mar, viagem, utopia, José Saramago, Luís Cardoso.

Abstract: In this paper we discuss how the theme of the sea and the trip is developed in *A jangada de pedra* (1986) by José Saramago and *Réquiem para o navegador solitário* (2006) by Luís Cardoso. The sea is a fundamental element to the lusophone culture and represents what separates and unites people. Therefore, by analyzing the work of a Portuguese and a Timorese writer, we show how the fiction reveals the formation of the multifaceted identity of speaking countries of Portuguese language and also its proposal of future development, which is sometimes developed in dreams and utopia.

Keywords: Sea, trip, utopia, José Saramago, Luís Cardoso.

* Doutora em Letras, área Teoria Literária e Literatura Comparada. Foi professora de Língua Portuguesa, Leitura e Produção Textual e Iniciação à Pesquisa Acadêmica na Universidade Nove de Julho. Atualmente, dedica-se ao estudo da representação do negro no teatro brasileiro.

** Doutora pelo Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada (FFLCH/ USP).

*“Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!”
(Fernando Pessoa – Mar português)*

I ntrodução

O poema em epígrafe estabelece uma relação vital com a tradição literária de língua portuguesa: traz dois dos versos mais conhecidos em nossa língua “tudo vale a pena / se a alma não é pequena”, foi escrito por um dos autores portugueses mais celebrados e trata de um tema muito caro à tradição literária a que pertencemos. Fazendo referência ao período das grandes navegações, o poema se constrói em torno da ambivalência da perda e do ganho, revelando as dores que acompanham o progresso.

O mar, no poema de Pessoa, é, como visto pelo seu título, português. No entanto, sabemos que o mar é do mundo, sem pátria definida; bem diz Maria Guavaira, personagem de *A jangada de pedra*, “se saltarmos os montes e descermos à costa é sempre o mesmo mar” (SARAMAGO, 2012, p. 164). A praia ou a costa de um local são apenas um ponto de ligação a uma imensidão de água salgada, que une (nem sempre de forma pacífica) povos e países. Ao mesmo tempo, como lembra Pedro Orce, o mar pode ser pequeno, cabendo, junto com a jangada, em seus pulmões (“ao inspirar fundo se lhe dilatam os pulmões tanto que neles poderiam entrar de golfão todos os abismos líquidos e ainda sobrar espaço para a jangada.” [IDEM, p. 167]).

No caso de nosso artigo, trataremos as lágrimas de vários povos que formaram aquilo que se costumou entender como mar português. Para isso, analisaremos precisamente a representação desse mar, que é de portugueses e também de outros povos; que une e distancia colonizadores e aqueles que foram colonizados. Nesse sentido, optamos por discutir duas obras contemporâneas, escritas em língua portuguesa, que abordam a temática da viagem marítima a partir dos olhos de um escritor português e de um timorense. Trata-se de *A jangada de*

pedra (1986) de José Saramago e *Réquiem para o navegador solitário* (2006) de Luís Cardoso.

Em linhas gerais, podemos entender que o mar em *A jangada de pedra* é visto como caminho e útero, já que é ele que conduz a Península Ibérica rumo a seu novo destino e, desse modo, à nova nação que está sendo gerada. O mar aqui é também caminho para o desconhecido e para o conhecimento, especialmente o conhecimento do outro, uma vez que os cinco personagens principais viajam não apenas na jangada de pedra, mas também pela jangada de pedra, atravessando Portugal e Espanha.

A jangada de pedra é um romance que apresenta a história de um deslocamento, no caso o descolamento da Península Ibérica do continente Europeu, do qual fez parte geograficamente, mas como diz o romance, talvez nunca tenha sido, de fato, parte, já que a Europa começaria após os Pireneus, na França, de modo exato. Mas é também o deslocamento dos cinco personagens: Joana Carda, Joaquim Sassa, Pedro Orce, José Anaiço e Maria Guavaira, mais o cão. Do mesmo modo que a Península, eles também se descolam do seu lugar de raiz e viajam. Apesar da grande importância das viagens dos personagens, é preciso ressaltar que aqui trataremos essencialmente da viagem maior que é a da Península pelo mar. Não se trata de esquecer as histórias que compõem os personagens do romance, mas de destacar a representação da viagem através do mar e a busca pela identidade ibérica que compõem a questão maior do romance de Saramago. Como veremos, a ideia do autor português tem um viés utópico, pois pretende “colocar” a Península num espaço mais próximo ao ideal, perto de suas ex-colônias. Nesse sentido, achamos interessante aproveitar o conceito de utopia concreta de Ernst Bloch (2005, 2006) – no qual o caminhar em direção ao impossível já produz alguma transformação e, desse modo, ainda que não inteiramente, parte do sonho torna-se realizável, afinal, como diz o narrador no final do romance, “ficava a intenção, sempre salvadora” (SARAMAGO, 2012, p. 274) – e descobrir o que existe de possibilidade real dentro do que parece inalcançável.

Já em *Réquiem para um navegador solitário*, o mar é sinônimo de destino e esperança para a protagonista Catarina. Ele é um símbolo daquilo que lhe afasta de seu lar e de seus sonhos de menina ao mesmo tempo em que se torna o elo que a conecta com sua nova realidade e a identidade de mulher. Como a maior parte da narrativa se desenvolve em Timor-Leste, veremos que a vida da personagem acompanha o problemático contexto geopolítico que cerca o país, alvo

de interesse e cobiça por parte de alguns países vizinhos e vítima do descaso e abandono de Portugal. Nesse sentido, mostraremos em que medida a personagem Catarina é, ela própria, uma ilha como o país em que foi obrigada a viver. A relação da protagonista com o mar (seus desafios e possibilidades) é vista aqui, portanto, como representativa do modo como Timor-Leste se conecta com as demais nações, especialmente aquela que a teve por colônia.

Em relação às demais ex-colônias portuguesas, Timor-Leste desfruta de uma condição singular devido a sua localização geográfica. Por estar muito distante de Portugal, a ilha se tornou alvo fácil para a cobiça de outras nações e recebeu pouco investimento da metrópole, algo que deixou marcas profundas no país.¹ Além disso, a localização de Timor-Leste também trouxe consequências simbólicas, que podem ser notadas nos dias de hoje. Se com a emergência dos estudos pós-coloniais, especialmente com a publicação do fundamental *The Black Atlantic* (GILROY, 1993), houve grande interesse em discutir as relações estabelecidas entre colônia e metrópole no Atlântico, mais especificamente no Norte, o que diremos de uma ex-colônia que sequer no Atlântico está? E que, mesmo em negativo, foi profundamente afetada pela relação mais estreita entre Portugal e suas outras colônias na América e na África? Veremos, ao longo do texto, como a literatura e a crítica literária podem lidar com essas questões.

* * *

(...) nenhuma viagem é ela só, cada viagem contém uma pluralidade de viagens (...) As viagens

¹ Vejamos, por exemplo, nessa linha, o que afirma o atual presidente do país sobre os investimentos de Portugal para a difusão da língua portuguesa: “O esforço dos missionários não era correspondido pelo governo português que só em 1915 abriu em Timor a primeira escola oficial e, durante mais de 50 anos, talvez com certo arrependimento, tentou equilibrar o esforço feito pelos missionários, expandindo a língua portuguesa através de abertura de mais escolas, empregando até para o efeito soldados portugueses em serviço nesta meia ilha. Como era de esperar, não obstante esse tardio esforço, até 1975, apenas 5% da população se podia exprimir em português e talvez menos de metade se comunicava na mesma língua, oscilando esta apenas da elite administrativa para o clero católico.” (RUAKE, 2001, p. 40)

sucedem-se e acumulam-se como as gerações (...)."
(SARAMAGO, 2012, p. 220)

A viagem é uma das representações simbólicas do curso da vida; significa (re) nascimento e procura de identidade, pois ao mesmo tempo em que vamos ao encontro do novo, nós nos deparamos com o novo ao nosso redor² e em nós mesmos – isso porque, em um processo também inconsciente, nós nos projetamos no outro.

Em *A jangada de pedra* temos uma infinidade de viagens. A primeira e principal delas é a que dá nome ao romance: a viagem da Península Ibérica até chegar a seu novo lugar; outras viagens são as que cada um dos personagens principais empreende a fim de compreender o que de fato está acontecendo com a Península. Nessa busca, não apenas a Península chega ao seu lugar, mas cada personagem termina por se encontrar com uma nova identidade formada a partir do contato com novos lugares e pessoas.

O romance de Saramago tem início quando Joana Carda risca o chão com uma vara de negrilho, momento em que todos os cães de Cerbère, até então mudos, começam a ladrar. Esses dois acontecimentos surpreendentes – entre os outros que se seguirão – prenunciam algo ainda mais fantástico: a separação da Península Ibérica³ do resto da Europa. O risco feito por Joana não se apagará. Sinal do fim dos tempos, o latido dos cães de Cerbère anuncia não a extinção do mundo, mas o final de um mundo deslocado da realidade: no caso, o fato de Portugal e Espanha estarem situados na Europa. Será a viagem da jangada de pedra que colocará os dois países no seu lugar de identidade, diferente do até então lugar geográfico.

Outro acontecimento fantástico acontece numa praia do norte “onde Joa-

² Lembramos, a esse respeito, das palavras de Osman Lins, quando discute sua experiência de viagem à Europa: “Permito-me, nessa ordem de ideias, uma confissão: foi após uma estadia mais ou menos longa pela Europa, em 1961, que passei a ver e compreender melhor o meu país. Esse distanciamento fez com que eu tivesse do Brasil uma ideia mais clara, mais nítida. Senti-me, depois da viagem, mais ligado a ele, ao mesmo tempo que passava a enxergar com olhos novos as suas deficiências.” (LINS, 1979, p.14).

³ “(...) a Península Ibérica se afastou de repente, toda por inteiro e por igual, dez súbitos metros, quem me acreditará, abriram-se os Pirenéus de cima a baixo como se um machado invisível tivesse descido das alturas, introduzindo-se nas fendas profundas, rachando pedra e terra até ao mar.” (SARAMAGO, 2012, p. 31).

quim Sassa segura uma pedra, tão pesada que já as mãos lhe cansam”. Joaquim Sassa “atirou a pedra, contava que ela caísse distante poucos passos, pouco mais que a seus pés”, mas a pedra escura “subiu ao ar, desceu e bateu na água de chapa, com o choque tornou a subir, em grande voo ou salto, e outra vez baixou, e subiu, enfim afundou-se ao largo” (SARAMAGO, 2012, p. 10-1). A esse fato vem juntar-se o que se passou com Pedro Orce: ao se levantar da cadeira, pôs os pés no chão e passou a sentir a terra tremer. Ainda outro personagem será protagonista de um evento surpreendente: José Anaíço passará a ser seguido por uma nuvem de estorninhos. Anúncio de chuva, representação da fecundidade, a nuvem de estorninhos que segue José Anaíço prenuncia um novo tempo. Tempo de encontro de um povo com o que lhe constitui de modo mais verdadeiro, já que caminham ao encontro da própria identidade. Finalmente, o último evento fantástico: Maria Guavaira sobe ao sótão de sua casa e encontra um pé de meia velho, “dos antigos e verdadeiros que serviam para guardar dinheiro”, começa a desfazê-lo e “o longo fio de lã azul não pára de cair”, mas “o pé-de-meia parece não diminuir de tamanho”. Maria, como diz o narrador, não se chama Ariadne⁴ e o fio não conduzirá à saída do labirinto, “acaso com ele conseguiremos enfim perder-nos” (IDEM, p. 15).

O percurso dos personagens rumo à formação do grupo dá-se da seguinte forma: primeiro Joaquim Sassa e José Anaíço vão à procura de Pedro Orce, encontram-no e saem juntos em viagem. Joana Carda, mais tarde, junta-se a eles e, especialmente, a José Anaíço, com quem forma um casal. Um cão com um fio de lã azul na boca aparece e os leva à Maria Guavaira que, com Joaquim Sassa, formará o segundo casal.

O cão, animal que em diversas mitologias é um guia para o mundo dos mortos, é um cão de Cerbère, nome de fácil associação com Cérbero, o guardador das almas do mundo dos mortos. Caberia, nesse sentido, pensarmos nesse cão que, trazendo o fio de lã azul, será uma espécie de guia não para o mundo dos mortos, mas para um mundo novo, pois aquele de antes da Península se tor-

⁴ Na mitologia grega, Ariadne, filha de Minos, apaixona-se à primeira vista por Teseu. Sabendo que Teseu precisaria de ajuda para sair do labirinto depois de matar o Minotauro, ela implora ajuda a Dédalo, ele lhe dá um rolo de linha mágica que ela entrega a Teseu. À medida que ele entrava no labirinto, desenrolava o fio para marcar o caminho de volta. No meio do labirinto, Teseu enfrenta e mata a fera. Ele volta carregando o corpo do Minotauro e segurando o fio de Ariadne (WILKINSON, 2010, p. 50-1).

nar jangada não existe mais. A saída do labirinto não se dará por meio de um caminho marcado pelo fio, já disse o narrador; no entanto, com ele na boca, o cão reuniu os personagens capazes de trazer a mudança porque portadores de vivências transformadoras. Podemos, assim, imaginar esse cachorro como um guia para uma nova vida, lembrando que outra característica canina é a fidelidade ao dono. Assim, o cão adquire a aura protetora e guia Joana, Joaquim, José e Pedro até Maria e a novas viagens que juntos eles realizarão. E é durante a viagem que as duas mulheres, penalizadas com a solidão de Pedro Orce – cujo grande companheiro passa a ser o cão – têm, cada uma, um encontro amoroso com o espanhol.

No final, Pedro Orce morre e as mulheres, todas as mulheres da Península, estão grávidas. No caso de Joana e Maria, não se sabe ao certo quem é o pai, se os seus parceiros ou se Pedro Orce. No entanto, isso não é o mais importante; como veremos, o que importa de fato é a nova geração que vai surgir, filha não de Portugal ou Espanha, mas da Península Ibérica que, transformada em jangada de pedra, insere-se numa tradição maior, a chamada vocação atlântica de Portugal – da qual a descoberta do Brasil é um dos resultados. Benjamin Abdala Jr. ao explicar essa vocação aponta para o fato de que se o sentimento nacional tendeu à desterritorialização, o viajante buscava o igual mais do que qualquer outra coisa sob pena de perder, ele próprio sua identidade.

A chamada “vocação atlântica” de Portugal, como se sabe, foi resposta de caráter nacional à posição periférica do país diante do poder de coerção de outros estados nacionais europeus. Dar as costas à Europa e observar horizontes “d’além mar” constituiu uma forma de sobrevivência do estado português. Vem daí uma primeira observação, a ser destacada: o sentimento nacional –, de um povo de colonizadores; depois de um povo de migrantes – tendeu, desde o início do processo, à desterritorialização. (ABDALA JR., 1999, p. 286)

As viagens portuguesas seriam, então, desde sempre, uma questão de sobrevivência. Dessa forma, o sentimento nacional do português acaba não sendo territorialmente localizado no seu estado-nação porque não é lá que ele sobrevive, mas sim no caminho, na viagem, no outro. Desta vez – no momento em que se discutia a inserção de Portugal e Espanha na Comunidade Europeia – para sobreviver será necessário um deslocamento total da Península que não cabe nos

limites geográficos dados, por isso Saramago propõe uma identidade para além da geográfica, identidade situada no Atlântico, entre a América do Sul e a África Central, para onde a jangada, no romance, navega. Como explica Abdala Jr., esse romance presta-se à discussão do caráter nacional, em face de uma dupla solicitação: “a recente integração de Portugal na Comunidade Europeia (ao que tudo indica, como nação periférica) e a singularidade que leva o país a identificar-se, ao lado da Espanha, com suas ex-colônias” (ABDALA JR., 1997, p. 42).

Se, normalmente, a tentativa é a de encaixar a identidade no território, aqui se dá o contrário. Será preciso ajustar a localização à identidade, corrigindo – talvez seja possível dizer – um erro da natureza que colocou Portugal e Espanha no Velho Continente. E quem vai conduzi-los ao lugar exato será justamente o mar que levou os ibéricos aos outros continentes em tantas viagens aventureiras. A aventura agora – porque é da Península – será de todos, não apenas dos velhos navegantes.

A Península, após o descolamento, passa a ser uma ilha, o que nos conduz a novas associações. A primeira delas é o fato de uma ilha ser um espaço utópico, portanto lugar ideal para sonhar uma nova nação. Mas esta ilha, porque navega, é também um barco, e um barco é um elemento de condução que, neste caso, transformou os ibéricos todos em viajantes tanto quanto suas nações, no caso Portugal e Espanha, barco e ilha; feto e útero. Feto porque a nova nação está sendo formada durante a viagem da Península e útero porque a própria “jangada de pedra”, criança sendo gerada no útero que é o mar, termina por gerar através da viagem novas identidades de pessoas que viajando encontram o outro e a si mesmos. Além disso, é possível pensar ainda na embarcação como lugar seguro a conduzir o navegante pelo mar e que, por outro lado, pode pôr o homem à deriva lançando-o nesse mesmo mar. Assim, no romance, podemos dizer que a jangada vai segura, mas também à deriva, pelo mar, lançando os portugueses a um novo mundo que, como já dito, os conduz ao encontro de si mesmos.

Desse – e nesse – encontro, uma nova nação deverá surgir, não apenas porque geograficamente ela teria chegado a seu verdadeiro lugar, mas porque no final do romance todas as mulheres estão grávidas. É nesse novo lugar que nascerá a nova geração, filha de um novo tempo, que poderá, então, ainda que utopicamente, formar-se de modo mais completo e satisfatório porque porta sua identidade própria, aquela que lhe pertenceria de fato.

Enfim, a Península para e chove quando os viajantes partem. A nuvem que se-

guiu José Anaiço e a chuva no momento da partida reforçam a ideia de um novo tempo, desconhecido, é certo, mas prestes a chegar. A vara de negrilho com a qual Joana Carda riscou o chão e que enterrou na sepultura de Pedro Orce está verde e pode florescer. Essa vara de uma árvore nativa europeia é a mesma que separou a península da Europa e pode simbolizar o novo tempo de uma comunidade melhor integrada e cheia de vida já que todas as mulheres estão grávidas, gestações que se estendem, tornando a Terra grávida e, assim, esperançosa.

José Saramago, ao falar de *A jangada de pedra*, explica:

Neste livro, tentei mostrar duas coisas; primeiro: a Península Ibérica tem pouco a ver com a Europa no plano cultural. Dir-me-ão que a língua vem do latim, que o Direito vem do Direito Romano, que as instituições são européias. Mas o certo é que, com este material comum, fez-se nesta península uma cultura fortemente caracterizada e distinta. Segundo: há na América um número muito grande de povos cujas línguas são a espanhola e a portuguesa. Por outro lado, nascem em África novos países que são as nossas antigas colônias.

Então imagino, ou antes, vejo, uma enorme área iberoamericana, que terá certamente um grande papel a desempenhar no futuro (...) Trata-se apenas de sonhar (...) Ponho a Península a vagar para o seu lugar próprio, que seria no Atlântico, entre a América do Sul e a África Central. Imagine, portanto, que eu sonharia com uma bacia cultural atlântica. (apud ABDALA JR., 1989, p. 42)

O autor mostra que a identidade de um país é maior que a questão geográfica (o narrador já havia dito quando contava o episódio em que Maria Guavaira desfazia o pé de meia: “ao menos uma vez, o conteúdo pôde ser maior que o continente” [SARAMAGO, 2012, p. 15]). Portugal e Espanha estão mais perto de nós, americanos, e da África do que imaginam ou querem. Ao fazer da península uma ilha grande, com todo seu contorno utópico, Saramago pode ter realizado seu sonho por meio da literatura.

Já em uma real ilha distante, descobrimos, pela língua portuguesa, quão estamos ligados à Ásia, comumente associada ao exótico e ao diferente. Para além do que há de especificamente europeu ou asiático, o livro de Cardoso que ora analisamos também constrói o sonho com palavras. Sonhos não são formados apenas de imagens felizes e ordeiras. Afinal, antes do despertar, os sonhos servem de alerta, como a onda que estoura na praia anunciando a grandeza do mar

e como a frase de abertura de *Réquiem para o navegador solitário* que anuncia as desventuras da protagonista Catarina: “- Nunca devias ter vindo” (CARDOSO, 2006, p. 11). O livro é marcado por repetições de falas como a anteriormente transcrita, que perfazem ao longo das páginas um movimento semelhante ao das ondas: vão e voltam. Nesse constante ir e vir, perde-se o referencial de origem e destino, e o sujeito que se envolve nesse movimento repetitivo corre o risco de não mais sair dele. Presa numa dinâmica que escapa ao seu controle, a personagem Catarina vai aos poucos perdendo os vestígios de seu passado, sem conseguir consolidar traços de sua identidade, de um projeto de vida próprio.

O livro de Luís Cardoso poderia ser visto como uma epopeia “rebaixada” da jovem Catarina. Diferentemente do referencial homérico de heroísmo, virilidade e longas viagens, temos ali o signo da resistência ao cotidiano que marca a fragilidade e a permanência de Catarina, que após a epopeia de uma vida, permanece presa ao lugar onde naufragou, tal como podemos ver nesse trecho: “Fiquei enalhada como um navio que deu rombo contra um banco de corais. Ninguém veio ao meu socorro.” (CARDOSO, 2006, p. 179)

Catarina era uma jovem da Batávia, filha de um comerciante chinês e de uma mãe com sangue crioulo e europeu. Teve uma educação privilegiada, que lhe permitia ter vasto repertório em cultura e idiomas. Desse modo, seria “a perfeita união entre duas culturas” (CARDOSO, 2006, p. 12), com a beleza exótica oriental e a sofisticação ocidental. Com esses poderosos predicados, o pai comerciante sabia que o matrimônio de sua filha deveria se estabelecer como um bom negócio, algo que parecia possível com um capitão português, vindo de Díli (capital de Timor-Leste), que propunha uma aliança para a produção de café. Após longo tempo sem ter notícias do capitão, o pai de Catarina a envia a Díli para ver de perto o resultado dos negócios, tarefa que a jovem aceita com satisfação pela possibilidade de reencontrar aquele que ela tinha como seu “príncipe encantado”.

Catarina chega a Díli, de onde jamais sairia. Perde, com violência, a “inocência” no seu encontro com o capitão. Ao invés do príncipe encantado, um homem que se atira sobre ela como um animal: “lobo-marinho” ou como “quando um galo se põe em cima de uma galinha” (CARDOSO, 2006, p. 35). Desse primeiro encontro violento, nascerá seu filho Diego: é a criança timorense nascida da dor oriental sob a força do ocidente. É a criança que posteriormente será roubada de Catarina e que se tornará, em função de seu desaparecimento, o motivo de

sua permanência na ilha.

Não apenas um nascimento surgiu da violação de Catarina por seu suposto “príncipe encantado”, houve, especialmente, uma morte. Morreu tudo aquilo que constituía a personagem até então. Ela deixa de ser vista como a valorada donzela para se tornar a mulher cortejada indistintamente, por todo capitão do porto que chega à cidade. A companhia da instrutora erudita é substituída pela presença de Madalena, que também teve uma filha do capitão português, a pequena Esmeralda, e que passa todas as noites à espera de seu amado, possivelmente morto no mar.

O mar separa Catarina de tudo aquilo que ela conheceu: sua família, sua cidade, sua cultura. Mas o mar também mantém viva sua esperança. Todas as noites ela se coloca diante do mar na esperança de que ele traga o navegador solitário, esse sim seu príncipe encantado. Ela espera pelo navegador francês, que relatou suas aventuras em algumas obras, dentre elas *A la poursuite du Soleil*, único livro trazido por Catarina quando se deslocou a Díli. O livro, que se tornará o vínculo material da personagem com sua terra natal, ou melhor dito, com sua cultura europeia, traz, já em seu título, uma aproximação com o que será o destino de Catarina, aquela que se desloca para onde nasce o sol: “Aportei numa ilha conhecida como o lugar onde nascia o sol, embora ninguém soubesse bem o sítio exacto. Mais a leste ainda do que o oriente” (CARDOSO, 2006, p. 179). Essa constatação aparece no livro quando a jovem estava diante de Alain Gerbault, o autor de *A la poursuite du soleil*, que chega fragilizado à ilha de Timor.

Alain Gerbault não é um personagem ficcional. Ele foi um viajante francês que escreveu, de fato, diversos livros e morreu em Timor-Leste. Quando a história se faz ficção no livro de Luís Cardoso é quando o sonho se faz realidade para a personagem Catarina. O viajante não surge como o esperado “príncipe encantado”, mas como “fantasma” (CARDOSO, 2006, p. 157) de si próprio, doente, magro e enfraquecido. Ele não corresponde à imagem heroica que ficou na mente da jovem e que se tornou seu elo com um mundo possível, diferente daquele real cheio de sofrimento. Assim, Catarina vai ao encontro do navegador não para ser salva por ele, mas para salvá-lo, para cuidar dele, como já havia cuidado de outros desamparados (gatos e pessoas) que, como ela, naufragaram na ilha de Timor.

Na primeira vez que sai de seu barco, o navegador vai à casa de Catarina e, tal como ela disse quando ali chegou em busca do amor de seu futuro marido,

admirou-se com a entrada da casa e a vista que dava ao mar “Que bela varanda!” (CARDOSO, 2006, p. 169). Como indicamos antes, as repetições de falas estão bastante marcadas no livro, em geral como um coro coletivo que mostra como Catarina estava equivocada em suas ações. Nesse caso, a mesma fala se repete na boca de personagens diferentes: dois sonhadores que se deixam levar pela beleza sem poderem reconhecer o que ela esconde de dor. A casa de bela varanda será para o navegador o lugar de sua morte e, para Catarina, que já tinha o lugar como o de perda de sua inocência é, mais ao final do livro, o símbolo de seu desterro completo, quando a casa é queimada, em incêndio que a deixa sozinha, sem seus gatos e a sua “filha adotiva” Esmeralda.

Catarina e Alain se mostram como duas pessoas encantadas pelo mar e por suas possibilidades de aventura, mas que, ao final, terminam presos a uma terra que lhes deixa completamente sozinhos. No enterro de Alain, comparecem apenas Esmeralda e Catarina, sem a multidão que esta imaginava se despedir do grande aventureiro. Em tempos de guerra, a aventura e a morte do outro se tornam banais, e até mesmo o coveiro vai embora do cemitério, ansioso por ter notícias do navio que acabara de chegar a Díli. A vida de Catarina e suas dores, mais uma vez, estão no sentido oposto ao da população timorense:

Havia uma procissão de pessoas que iam em passo rápido em sentido contrário, em direção ao mar. Levavam flores nos cestos para oferecerem aos soldados aliados que vinham defender o território se porventura houvesse um ataque dos japoneses, dado que o navio português nunca mais chegava com os reforços. Ainda estava em Luanda, onde os marinheiros queriam continuar, dali não arredavam pé, alguns ainda não tinham feito o gosto ao pé. Salazar que mandasse para Timor os landins de Moçambique como acontecera durante as campanhas de pacificação. (CARDOSO, 2006, p. 192)

Nessa citação, podemos ver que o abandono sofrido por Catarina e seu navegador eram de ordem semelhante ao sofrido por toda a população timorense em relação a Portugal. O plano histórico e o ficcional se cruzam para revelar as nefastas consequências de se estar só e sujeito a agentes mais poderosos. Podemos ler nesse trecho algo indicado em outros momentos do livro: certo ressentimento por Timor-Leste ser a colônia mais relegada de Portugal, para onde ninguém queria ir por não ter os mesmos atrativos supostamente existentes em

terras africanas. Esse aspecto, que já trouxemos na Introdução para mostrarmos como essa colônia portuguesa desfruta de precário lugar simbólico nas discussões pós-coloniais, também se faz presente em outro livro de Luís Cardoso, *Crônica de uma travessia*, em que o autor, ao analisar o comportamento de seu pai, mostra como sua atitude indicava a necessidade de o povo timorense assumir o controle de seu próprio país quando a metrópole lhe voltava as costas. A eles cabia “a suprema tarefa de substituir a mãe-pátria distante durante as suas ausências nos momentos difíceis.” (CARDOSO, 1997, p. 12)

O mar que separa Timor da metrópole portuguesa é o mesmo que está profundamente marcado na identidade de seu povo. Exemplo disso pode ser visto já no título do livro do líder da resistência timorense, *Mar meu* (1998) de Xanana Gusmão ou mesmo na difundida lenda de fundação do país, em que se diz que a ilha seria um crocodilo sonhador, que teria viajado ao longo dos mares para ali chegar e fincar raízes e se tornar o lar de um povo igualmente valente. Assim, o mar é um elemento fundamental para unir a história e a literatura. E, no caso da obra de Luís Cardoso, mais especificamente do *Réquiem para o navegador solitário* aqui analisado, o mar é o que traz possibilidades de alegria e esperança em uma terra marcada pelas dores de tantos naufragos. Desse modo, o réquiem, essa oração pelos mortos, é entoado não apenas na ficção, para o navegador solitário que seria príncipe ficcional de Catarina, mas também na vida real, para o francês que de fato morreu no Timor e por tantos que pereceram como ele, buscando no mar a salvação, mas encontrando ali apenas o ataque.

* * *

Enquanto em *A jangada de pedra* o mar é caminho e útero, em *Réquiem para o navegador solitário* ele é destino e esperança. O mar pode, então, ser uma representação do sonho, ganhando assim contornos utópicos, pois em seu eterno movimento de ir e vir pode sempre trazer o novo. Não se sabe se o sonho será alcançado, mas no caminho para ele, algo sempre se transforma; assim, parte da busca – utopia – termina por ser conquistada. De tudo, algo restou. A Península parou e nesse novo lugar, uma nova geração vai nascer e, ainda que não seja a ideal é certo que será diferente da antiga e, nesse sentido, portadora de renovada esperança. A perspectiva utópica de Saramago evidentemente não

pode transformar o pensamento e fazer com que a Península Ibérica assumira uma identidade – a verdadeira para o autor – mais próxima da de suas colônias, porém levanta a séria questão da identidade ibérica e leva à reflexão; assim, algo já se transformou.

A ilha, lugar utópico para Saramago, que traz a possibilidade de algo inteiramente novo e isolado de seu passado, é primordialmente um espaço de isolamento e abandono para Cardoso. Na obra do timorense, o mar, que se conheceu pela viagem, termina sendo destino. Catarina, Alain, portugueses e timorenses chegam à pequena ilha asiática e ali se ficam para viverem em meio à dor e alguns lampejos de esperança. A própria construção do livro, com as repetições de falas, marca, como dissemos antes, o movimento das ondas. Catarina esteve, ao longo de toda a obra, sujeita às falas alheias que se repetiam para mostrar os erros de suas escolhas. Ao final, no entanto, ela se põe a repetir: “Enterre-o no mar” (CARDOSO, 2006, p. 223). A personagem ordena que sejam enterrados o navegador solitário e o seu suposto fantasma. Enterra-se um passado de esperanças vencidas para que ela possa estar aberta a um futuro também esperançoso e profundamente incerto: o de espera pelo seu filho sequestrado.

De modo geral, vemos que na obra de Saramago, a viagem pelo oceano representa uma forma de ligar Portugal à sua identidade: identidade americana, tropical. Essa construção simbólica traz o desejo de modificar o dano colonizador, o qual vemos revelado no livro de Cardoso: o abandono de Portugal em relação à sua colônia distante. Tal atitude acaba por condenar um país e seus habitantes, no plano ficcional e histórico, à sua própria sorte, atados a uma esperança construída, fundamentalmente, por palavras e sonhos. São os textos literários e o mar que guardam a possibilidade do novo, que não foi engolido pela dor conhecida do passado e do presente. Retomando a noção de utopia concreta, lembramos que nesta, o saber se dá em relação ao porvir, diferentemente do saber contemplativo, que se volta ao passado. Nesse sentido, a literatura, enquanto objeto ofertado ao múltiplo olhar dos leitores, abre-se às surpresas do futuro, visando sua transformação, sem se limitar ao passado, seja de países, seja de personagens ficcionais.

Cabe, assim, aos estudos literários, reconstruir rotas simbólicas capazes de traçar, com palavras e textos, um caminho mais amplo da identidade literária e cultural em língua portuguesa. Não apenas como denúncia das tantas mazelas que marcaram as relações entre metrópole e colônia no passado, mas também

como construção utópica e esperançosa de possíveis futuros. Não como reforço da diferença que segrega na dor, mas como ponte que une singularidades na construção do sonho.

Referências

- ABDALA JR, Benjamin. *Literatura, história e política*. São Paulo: Ática, 1989.
- _____. “A comunidade ibero-afro-americana em perspectiva”. In: *Revista da Biblioteca Mario de Andrade*. São Paulo, v. 55, jan/dez, 1997.
- _____. “Narrativas de viagem e fronteiras culturais”. In: DUARTE, Lélia Parreira (org.) *Para sempre em mim: homenagem à professora Ângela Vaz Leão*. BH: CESPUC, 1999.
- BLOCH, Ernst. *O princípio esperança*. v. 1. Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto, 2005.
- _____. *O princípio esperança*. v. 2. Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto, 2006.
- _____. *O princípio esperança*. v. 3. Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto, 2006.
- CARDOSO, Luís. *Crônica de uma travessia. A época do Ai-Dik-Funam*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997.
- CARDOSO, Luís. *Réquiem para o navegador solitário*. Lisboa: Dom Quixote, 2006.
- GILROY, Paul. *The black Atlantic: Modernity and Double Consciousness*. Cambridge: Harvard UP, 1993.
- LINS, Osman. *Evangelho na taba: outros problemas inculturais brasileiros*. São Paulo: Summus Editorial, 1979.
- GUSMÃO, Xanana. *Mar meu. Poemas e Pinturas/ My Sea of Timor. Poems and Paintings*. Porto: Granito/Instituto Camões, 1998.
- RUAK, Taur Matan. “A importância da língua portuguesa na resistência contra a ocupação indonésia”. In: *Camões. Revista de Letras e cultura lusófonas*. Lisboa: Instituto Camões, 2001.
- SARAMAGO, José. *A jangada de pedra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- WILKINSON, Philip. *Mitos & lendas: origens e significados*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.